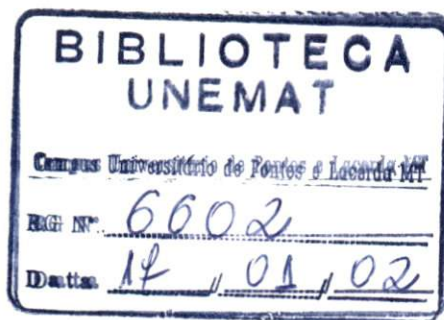


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

CENTAURO - HOMEN X ANIMAL

CLEIDE LUCAS DE MORAIS



PONTES E LACERDA (MT), 2000

821.09
M827
Ex 1
C92573041

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

CENTAURO - HOMEN X ANIMAL

**Ensaio Monográfico desenvolvido
no Estágio supervisionado de
Língua Portuguesa e Literatura,
VIII Semestre Licenciatura Plena
em Letras. Orientadora Léia da
Silva Gomes**

PONTES E LACERDA (MT), 2000

AOS MEUS PAIS

AGRADECIMENTOS

À Deus, e as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para que eu pudesse chegar ao final desta árdua jornada. Em especial ao meu esposo Ivanildo Amaral pela paciência e amor, a minha irmã Regina Moraes pelo incentivo e carinho e a minha orientadora e professora Léia Gomes pela compreensão.

" A Literatura não é um jogo um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de nada inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem."

(Marisa Lajolo)

SUMÁRIO

1 - Apresentação: O Universo Literário.....	07
2 - Capítulo I - Conceituado a Literatura.....	08
3 - Capítulo II - A Evolução da Narrativa Literária.....	14
4 - Capítulo III - O Retorno do Mito.....	17
5 - Capítulo IV - A Literatura Portuguesa na Contemporaneidade.....	19
6 - Análise do Conto.....	21
7 - Considerações Finais.....	26
8 - Referências Bibliográficas.....	27

O UNIVERSO LITERÁRIO

O presente trabalho tem a finalidade de expor a trajetória da literatura desde a era clássica até a era contemporânea.

A literatura é uma forma de conhecimento da realidade que usando da ficção, do imaginário e da fantasia o artista procura compreender melhor o mundo. Porém, deixando claro que os caminhos percorridos pela literatura foram lentos e gradativos.

Não podemos deixar de dar a devida ênfase ao gênero narrativo do conto, que é o objeto de nosso estudo.

Ele nos apresenta uma condensação dos sentidos que se revela ao leitor de uma forma mais rápida e surpreendente. O contista tem a idéia básica a expressar, inventa uma história vivida por alguns personagens, que levam o leitor a deduzir a parcela de sentido de mundo que a narrativa encerra.

Como o conto "*Centauro*" que estaremos analisando está centrado na literatura greco-romana com a evidência do mito, faremos alusão a este: mito na sua essência é uma história ficcional de divindades, onde os deuses sempre são cultuados. São inventados pelos homens para dar origens às coisas ou justificar o comportamento de um determinado povo.

A obra que estaremos analisando é do escritor português José Saramago, nobel de literatura em 1998 com a obra "*Levantado do chão*", contemporâneo, com muitas influências nas correntes literárias e neo - realista convicto.

O escritor José Saramago na obra "*Centauro*" esta retornado a mitologia, recontando a história do último centauro (figura mitológica greco-romana), usando da estética literária contemporânea, trabalho que resulta em uma nova obra, (a obra moderna). O conto relata a triste história de um centauro, que passou toda a sua existência tentando achar o equilíbrio entre a sua parte homem e a sua parte animal embora este conflito dure milhares de anos, torna-se a própria essência do conto evidenciando os sonhos calcados na realidade da personagem central.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

I CAPÍTULO

CONCEITUANDO A LITERATURA

A literatura é uma forma de conhecimento da realidade que usando da ficção, do imaginário e da fantasia o artista procura compreender melhor o mundo. O que é fictício não significa falso, mas historicamente inexistente porque o artista pode usar da verossimilhança para criar o seu universo imaginário. Esta idéia já era comungada por Aristóteles há séculos A.C.

A função social da literatura é simplesmente induzir o homem a refletir sobre os problemas existenciais. Sendo assim não existe povo, ou sociedade humana sem literatura.

No tocante a nossa cultura e principalmente a literatura, nós estamos muito ligados à Grécia antiga, pois a literatura clássica engloba milhões de textos que foram produzidos ao longo dos séculos. Um dos primeiros estudiosos da literatura universal foi o filósofo grego Aristóteles no século III A.C.

Aristóteles chega revolucionando a literatura, criando a primeira divisão das formas e lançando os fundamentos da *"Teoria dos Gêneros"*. Conforme sua concepção de arte ele conceitua o poético como imitação da realidade, diferenciando as obras de mimese superior das de mimese inferior.

Foi apresentando ainda por Aristóteles a tripartição genérica que se tornou tradicional baseando-se nas várias formas de comunicação entre o poeta e o público. A tripartição consiste em: *genus narrativum* - palavra narrada, *genus lyricum* - palavra cantada, *genus dramaticum* - palavra representada.

Não se pode deixar de assinalar que os fundamentos da poética Aristotélica serviram de modelo às obras clássicas, que tais preceitos têm profunda ligação com um dos aspectos da concepção de mundo dos renascentistas, ou seja, o uso da razão como forma de alcançar a perfeição, a harmonia, a beleza e as verdades universais e absolutas.

Também na era da literatura clássica surgiu outro grande expoente que foi Platão, estudioso da arte literária ocidental, deixou marcas profundas na literatura. Platão apareceu considerando os poetas imitadores da imagem empobrecida do real e cultuando o belo. Na

concepção platônica "a praticidade reside em dons naturais revelados por fugazos momentos de arrebatamento e expressos por uma linguagem emotiva". (SALVATORE, p. 11).

Para Platão e Aristóteles, a arte é mimese, mas a explicação de como ela se processa é muito vaga para ambos.

A discussão sobre arte nem sempre é a mesma no que tange a determinação das funções da literatura, pois não é de hoje que há divergências sobre estes preceitos da literatura ocidental. Enquanto "Platão expulsava de sua República ideal os poetas, por considerar a arte mentirosa, inútil e nociva ao bem-estar social, Aristóteles por sua vez enaltecia as funções da poesia, atribuindo-lhe uma finalidade Catártica". (SALVATORE, p.21)

É impossível falarmos da literatura clássica, de Platão e Aristóteles e não mencionarmos a mitologia.

Os antigos gregos tiveram muita facilidade em criar histórias mirabolantes e fabulosas que, antes do progresso racional e científico, eram usados para explicar as origens dos fenômenos naturais e do comportamento humano. Sabemos que a mitologia grega é o conjunto destes mitos ou fábulas. Para entendermos melhor o que é mito vamos fazer uma pequena consulta no dicionário Aurélio (p.367). "Mito é um fato, passagem dos tempos fabulosos, tradição que sob forma de alegoria deixa entrever um fato natural histórico ou filosófico, coisa inacreditável sem realidade". Partindo desta idéia podemos pensar que mito carrega consigo uma mensagem que não está diretamente dita ou explícita.

Os caminhos percorridos pela literatura foram lentos e gradativos. Seguindo os passos dos filósofos e dos historiadores, o processo foi evoluindo e o nascimento de novas formas, de diferentes visões da realidade e da afirmação de consciência, trouxeram uma nova vertente a ser trilhada pelo novo sistema de normas estéticas, contrariando o período anterior.

Vamos dar a devida ênfase a Teoria da Literatura, fazendo consulta no Aurélio (p. 337) que define literatura como:

"Literatura [Do latim *litteratura*]. Conjunto das composições de uma língua com preocupações estética, o conhecimento das belas-lettras, o conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época, os homens de letras, a vida literária, bibliografia de Cordel: literatura popular impressa em folhetos, de ficção - o romance e o conto, de vanguarda a modernista - oral expressão imprópria mas já divulgada".

A palavra literatura da forma latina vem de outra igual *littera*, que significa letra, que é um sinal gráfico que representa, por escrito os sons da linguagem.

Buscando outras definições vamos chegar à dezenas de variantes, porém não saindo da definição do dicionário. Aos olhos das tradições culturais chegaremos à conclusão que trata-se do domínio da escrita, tanto pelos indivíduos como pelas civilizações. Não buscando apenas o que se considera eletrização, mas a arte literária de todos os seguimentos da sociedade. Do popular ao clássico, do grotesco ao refinado, porém dando o real valor literário.

Partindo para uma definição dos teóricos, vamos nos ater aos autores que mais nos chamou a atenção para este tema. Começando com Marisa Lajolo que diz: *" A literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um "*.

Surge aí o equívoco de que o caráter humano é formador da literatura, pois o percurso da literatura está em cada um de nós. Daí a irrelevância de pedirmos a literatura provas documentais do que afirma. Não precisam ser verdadeiras as histórias que a literatura conta, podendo ainda no entanto serem verossímeis. Um fato pode ser verdadeiro porém, se usada uma linguagem artisticamente elaborada e utilizando-se da ficção, pode-se produzir dupla interpretação, dependendo do entendimento do leitor.

A literatura é a verdadeira expressão de arte que se manifesta através da cultura dos povos, é nada mais do que uma forma de ler a vida. Arte, literatura e cultura caminham sempre juntas, uma não vive sem a outra, pois é exatamente esta roda viva que faz a cultura dos povos serem transformadas em literatura.

" Literatura não é um jogo, um passatempo um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem ". (M. LAJOLO, p.07).

A certeza maior é que literatura é a transcrição de uma tradição cultural respaldada por séculos e séculos da existência e do pensamento humano.

A literatura evoluiu na direção de um objetivo, sua identidade própria, pois até então estávamos ligados por um cordão umbilical aos fundamentos de Aristóteles, seguindo a evolução do homem e de sua cultura, a literatura cria suas histórias e seus estilos.

Os significados e os enigmas da literatura estão divididos em dois aspectos: A elaboração estética da linguagem e o caráter ficcional dos textos. São estes dois aspectos que definem a essência do que considera-se texto literário.

A elaboração estética da linguagem dá-se por uma linguagem denotativa, ou seja, as palavras são empregadas no sentido dicionarizado, preciso, objetivo. Apresenta-se ainda de forma conotativa quando as palavras ganham significados amplos, figurados e simbólicos.

No segundo aspecto que define o caráter ficcional dos textos e literatura, considera-se ficção como invenção, sendo que a invenção literária não parte do nada, ela parte logicamente da realidade nem sempre verdadeira, usando-se do recurso da verossimilhança e a transformando em ficção. A realidade precisa ser elaborada pelo escritor para que ele julgue significativos as partes que serão necessárias para compor sua obra ou o seu texto literário. Portanto a literatura precisa trabalhar os aspectos da realidade resumindo-os artisticamente.

Para compreendermos melhor a literatura é preciso "*encará-la com olhos livres de preconceitos e linhas do tempo, que limitam o prazer que um livro, ou uma obra de arte possa nos proporcionar.*" (MÁRCIA, MARIA, p.35).

A literatura produz a criação da utopia alimentando-se sempre de uma imaginação ancorada na realidade. Os mitos e os espaços poéticos nascem não só da realidade do presente mas também da imaginação do autor coadjuvado pela capacidade interpretativa do leitor. Portanto, a literatura é um intercâmbio social entre os povos, pois ela só existe se alguém a escrever e outro alguém a ler.

"*A literatura transforma e intensifica a linguagem comum afastando-se sistematicamente da fala cotidiana.*" (TERRY, p.02). Porque segundo esta teoria talvez a literatura seja definível, não pelo fato de ser ficcional ou imaginativa, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Na linguagem literária é necessário a interpretação do leitor, já a linguagem popular ou comum é naturalmente inteligível.

Para Terry Eagleton, a obra literária não é um veículo de idéias, nem uma reflexão sobre a realidade social nem a encarnação de uma verdade transcendental: era uma forte material, cujo funcionamento podia ser analisado mais ou menos como se examina uma máquina. Podendo ressaltar que a obra literária é feita de palavras ou da imaginação do autor e não simplesmente de objetos. Portanto a literatura nasce dos juízos de valores de cada indivíduo ou ser social que a constituem, são historicamente variáveis e tem suas próprias relações com as ideologias sociais.

Alguns escritores e teóricos consideravam a linguagem literária como um conjunto de desvios, uma espécie de atentado à lingüística, porém devemos considerar que a literatura é uma forma "*especial*" poética de linguagem, em oposição com a linguagem comum, a que usamos corriqueiramente. Esta idéia de que só existe uma forma de linguagem é errônea, pois tanto a

linguagem poética quanto a linguagem comum são passíveis de variantes e consistem de formas discursivas complexas, diferenciando-se conforme a classe social, a região, a situação, etc; não podendo jamais ser homogêneas.

Segundo Terry Eagleton, não existe uma obra ou uma tradição literária que seja valiosa em si, a despeito do que tenha dito, ou se venha a dizer, sobre isso. A linguagem literária só vai ter o seu real valor quando deixar de ser interpretada a luz dos nossos próprios interesses, e acharmos que só existe esta possibilidade de compreensão. Sendo uma das razões pela qual algumas obras parecem conservar o seu valor através dos anos, ressaltando que diferentes são os períodos da história que constituem a literatura que temos hoje.

A literatura é taxada de rótulo institucional para que nossos esforços de leitura tenham valido a pena, é lógico se tivermos dado o real valor ao que estamos lendo, fazendo indagações as nossas próprias perguntas e explorando as entrelinhas, vamos com certeza achar as respostas para nossas perguntas. Portanto podemos afirmar então, que a literatura que se coloca em primeiro plano é a própria linguagem, pois uma não existe sem a outra.

Culler coloca que, a obra literária que é projetada para o mundo ficcional incluiu falantes, atores, acontecimentos e um público implícito, não deixando de observar que as obras estão referindo-se a indivíduos imaginários e não históricos, ressaltando também que o ficcional não se limita os personagens e acontecimentos, mas utiliza-se da verossimilhança dos fatos. A ficcionalidade das obras em relação ao leitor é uma questão puramente de interpretação, pois o que pensa o autor nem sempre é a compreensão do leitor.

A literatura não é apenas uma atividade de uma elite cultural, é antes uma escrita que exige uma leitura e envolve os leitores nos problemas de sentido. Ela é o ruído da cultura, assim como a sua formação. Não é simplesmente escrever de acordo com as fórmulas existentes, mas é também a possibilidade de zombar das convenções e ir muito além delas, é uma instituição que expõe a crítica os seus próprios limites, testando o que acontecerá se escrevermos de modo diferente do convencional. *"A literatura é uma prática na qual os autores tentam fazer avançar ou renovar a literatura e, desse modo, é sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura."* (CULLER, p.41).

A literatura como já foi salientada é uma forma peculiar de conhecimento da vida e da evolução da história com alternâncias na postura romântica ou na postura clássica perante a arte e a vida.

Podemos perceber dentro deste estudo que estamos realizando que cada época tem seu ponto de referência para identificar a literatura, ou seja cada período "*tem suas convenções, valores, visões de mundo, formando um certo universo, cujos elementos interdependente mantém entre si relações associativas e funcionais, em constante processo de evolução.*" (JOBIN, p.129).

II CAPÍTULO

A EVOLUÇÃO DA NARRATIVA LITERÁRIA

Vamos dar ênfase ao gênero narrativo do conto, pois o trabalho de análise que estaremos realizando é sobre este.

Em se tratando de conto não importa se ele foi escrito nos séculos anteriores ou no nossos dias, sempre terá as mesmas características fundamentais, ainda que alguns críticos insistam em dizer ao contrário

Definir o surgimento do conto será mera especulação pois, remonta aos tempos idos sendo impossível precisar uma data. Sabe-se porém, que trata-se de uma das primeiras manifestações literárias.

Vários estudiosos têm tentado explicar a gênese do conto ao longo dos tempos. O conto acabou aproximando-se das mais variadas manifestações literárias como as fábulas das historietas de fadas e da carochinha na sua "*forma mais simples*"; na forma artística apesar de gravitar ao redor do mesmo núcleo estrutural da "*forma simples*", o conto seria literário propriamente dito por apresentar autor próprio desligado da tradição folclórica ou mítica, atendo-se aos temas e forma de narrar atuais.

O apogeu do conto ocorreu na idade média, quando foi largamente cultivado principalmente na Península Ibérica, superando o conto francês devido a forma artificial deste.

No seu esplendor, início do século XIX, abandona a "*forma simples*" para tornar-se forma artística, sendo vastamente cultivado, passando então a ser um produto estritamente literário. Mas que isso transforma-se em "*pedra de toque para não poucos ficcionistas*". (MASSAUD, p.34).

Na França o conto se aclimata como em parte alguma. Já em Portugal houveram grandes expoentes como Eça de Queiroz no realismo e José Saramago no neo-realismo.

O conto cresce e não perde o fôlego, atinge nossos dias como forma erudita ou literária, porém já ai com várias tendências indo em direção da crônica ou do poema em prosa.

O mais importante é que temos consciência de que o conto permaneceu constante desde o surgimento até nossos dias, alguns arranhões houveram, porém apenas no seu verniz, assim, podemos concentrar nessa estrutura que senão é imutável, nem por isso pode ser considerado sem fronteiras, ainda que instáveis.

Segundo Massaud Moisés, o conto é do prisma de sua história e de sua essência, a matriz da novela e do romance, mas isso não significa que deva poder, necessariamente, transformar-se neles. O romance é uma narrativa de aventuras imaginárias que possa atender ou demonstrar interesse aos leitores, normalmente tendo como, pano de fundo o amor. Já o conto trabalha com poucos personagens, e geralmente tem um só conflito, é sobretudo uma narrativa curta que deve porém prender a atenção do leitor.

É importante ressaltarmos que o conto não se refere só ao acontecido não tendo compromisso com a realidade, nele não há limites entre a ficção e o real.

Alfredo Bosi coloca que o conto não só consegue abraçar a temática toda do romance, como põe em jogo os princípios de composição que regem a escrita moderna em busca do texto sintético e do convívio de tons, gêneros e significados, cumprindo assim, a seu modo, os destinos da ficção contemporânea.

O processo de criar um conto ou uma novela é o mesmo, o que muda são as formas. Tudo o que é criado fora do real e caracterizado de ficção, evidentemente o tempo já não é mais o mesmo.

No gênero narrativo do conto, cada personagem tem o seu mundo próprio com características peculiares. *"As personagens do conto têm um mundo autônomo: não é a brevidade que as caracteriza, o que as caracteriza é o fato de os problemas serem delas e não nossos"*. (NADIA, p.57). A diferença de um conto não é apenas de quantidade, a brevidade e a extensão de uma história de ficção são de extrema importância para estruturação deste.

O conto popular é a forma mais universal de transmissão da cultura de um povo, desde a fase da oralidade vem documentando usos, costumes, formas jurídicas, folclore, história, estórias, a moral natural com o triunfo do bem sobre o mal.

Na Europa, o interesse pelo conto popular teve início com o neoclássico de La Fontaine, voltado para o fabulismo, coadjuvado pelo gênero novelístico medieval.

O conto apresenta então uma condensação dos sentidos que se revela ao leitor de uma forma mas rápida e surpreendente. O contista tem a idéia básica a expressar, inventa uma história vivida por alguns personagens cujo desfecho leva o leitor a deduzir a parcela de sentido de mundo que a narrativa encerra.

O conto erudito tem uma larga tradição cultural indo desde as Sagradas Escrituras até nossos dias. Hoje solicitados pelos meios de comunicação cultural (rádio, televisão, cinema, teatro, etc.), que atende aqueles que não têm paciência de ler um longo romance. *"O conto monta-se,*

portanto, à volta de uma só idéia ou imagem da vida, desprezando os acessórios e, via de regra, considerando as personagens apenas como instrumento da ação." (SALVATORE, p.48).

III CAPÍTULO

O RETORNO DO MITO

Para compreendermos melhor o que é mito fomos buscar no princípio da evolução da literatura o parecer do grande filósofo Aristóteles, onde ele coloca que mito "*indica o conjunto das ações vividas pelos personagens numa obra literária. Tem em comum como conceito geral de mito, próprio da mitologia, o fato de ser uma história ficcional, inventada pela fantasia de um poeta, sem nenhuma consistência no mundo da realidade*". (SALVATORE, p.29).

É muito difícil definir o que é mito, pois é um fenômeno obscuro para definições, tanto que mito faz parte do conjunto extraordinário, com sentido difuso, pouco nítido e múltiplo. O mito serve para se referir a muitas coisas, representando várias idéias, e ser usado em vários contextos. Portanto o mito é uma narrativa especial, podendo ser distinguida das demais narrativas. Ele não tem uma forma direta, o que o mito procura dizer não está simplesmente explicado, ele sempre esconde alguma coisa.

Segundo Everaldo Rocha, o mito está na existência. Resiste a tudo, fazendo no fundo com que suas interpretações sejam quase sempre, matéria-prima para novos mitos. O mito na sua essência é uma história ficcional de divindades, onde os deuses sempre são cultivados; é inventado pelos homens para dar origens as coisas ou justificar o comportamento de um determinado povo ou época, sendo que o mito brota espontaneamente da cultura dos povos, principalmente, se esta ainda estiver em estágio primitivo.

É importante ressaltarmos que religião mantém uma profunda relação com o mito, pois as narrativas míticas quase sempre implicam uma interpretação da natureza cósmica e da vida humana segundo concepções religiosas.

Vale frizarmos que no mítico existe uma inversão de valores onde o homem não é criado por Deus, mas sim "*Este*" é que é criado pelo homem à sua imagem e semelhança. Estas divindades são frutos do inconsciente coletivo e expressam a prática de seus desejos e temores.

A narrativa mítica é considerada verdadeira. Uma vez criado, o mito passa a ser objeto de crença popular nas sociedades primitivas, isso porque os mitos tentam explicar as origens das coisas e se referem a realidades da vida cotidiana. O mito é vivido através dos atos rituais.

O homem saindo do primitivismo começa a pensar, refletir e consagra o fim da inocência mítica. Dá-se a separação entre o eu; Deus e o mundo, concepções não distintas na época mítica. Isto posto, cada homem é obrigado a descobrir seus próprios valores de vida, tomando consciência para o sentimento de culpa e a noção do pecado.

Os relatos que existem da mitologia não deixam claro o modo como se configurava a humanidade primitiva. Nada do que aprendemos sobre mito é intrínseco a nós próprios. Mitos são criações de grandes poetas e certamente um enigma para os homens.

Fala-se muito do rompimento da nossa cultura com o universo, pois o mito em sua determinação maior não consegue transpor as barreiras históricas sem ser deformado. Sendo então preciso que os filósofos da nossa época o reestude e o reelabore sem deixar de pesquisar no íntimo a sua verdadeira essência.

"Se o mito está sempre no nosso imaginário, no nosso pensamento e nas nossas produções artísticas, se ele está presente mesmo em ausência, isto não significa que ele tenha sobrevivido imutável e verdadeiro em si mesmo, ao contrário, o universo mítico tornou-se para nós uma alteridade irrecuperável, um paraíso perdido em cuja busca encontraremos apenas nós mesmos". (LETRAS DE HOJE, p.110).

O mito ainda não foi realmente desvendado, mas as nossas escrituras oferecem inúmeras possibilidades para que o homem o estude profundamente, embora o mito seja um estranho, ele está sempre ligado a divindade ou a história primitiva de um povo ou de uma época. Não é o mito em si que significa, mas a sua transformação que constrói em volta de si, do que propagou-se ao longo dos anos.

Portanto o mito estará sempre ligado a nossa cultura e presente na sociedade em que vivemos, pois as dúvidas, as inquietações e contradições do mito são infinitos; tanto que até nos nossos dias ele está presente nas crenças dos povos, na religião e naquilo que uma determinada comunidade possa acreditar. *"O mito que retorna no pensamento, na filosofia e na poesia é indicador das crises histórica que sofrem as nações fundamentais de nossa civilização".* (LETRAS DE HOJE, p.115) e sobrevive através das escrituras.

O mito retorna para a modernidade de várias formas uma delas é através da literatura onde alguns escritores contemporâneos estão fazendo um resgate sobre o mito. É justamente sobre este resgate do mito para a modernidade que estaremos realizando uma análise do conto "CENTAURO" do escritor português José Saramago. Este conto é o recontar da história de extinção dos centauros, uma figura mitológica, onde há um diálogo entre a obra erudita e a contemporânea.

IV CAPÍTULO

A LITERATURA PORTUGUESA NA CONTEMPORANEIDADE

No início dos anos de 1900, a Europa carrega consigo a herança do final do século XIX com duas características diferentes mas complementares: uma euforia um pouco exagerada diante do processo industrial e dos avanços técnicos e científicos, por outro lado as conseqüências desse progresso industrial burguês, uma disputa acirrada pelo domínio dos mercados fornecedores e consumidores que acabou resultando na Primeira Guerra Mundial. Com a euforia da burguesia vamos encontrar uma tristeza profunda característica do fim do século, esse clima de contradição gera uma fuga artística resultando no aparecimento de várias tendências preocupadas com uma nova interpretação da realidade. Dando a esta tendência o nome de modernismo.

A vanguarda européia, engloba agora um verdadeiro arsenal de manifestos não só na literatura mas também nas outras áreas como: na pintura, na escultura, na música, etc., propondo para todos inclusive na política e na religião uma nova ideologia.

Houveram várias tendências começando pelo Futurismo de Marinetti, pelo Expressionismo que surgiu na Alemanha no final do século XIX, pelo Cubismo que nasceu a partir das experiências do pintor Pablo Picasso e pelo Surrealismo que surgiu em Paris em 1924.

O movimento modernista adquiriu novos aspectos colocando a literatura ficcional em forma de arte e tentando representar a vida e os problemas do homem moderno. Assim o gênero narrativo sofre profundas mudanças no que tange as formas estéticas e nos conteúdos ideológicos.

O modernismo em Portugal teve seu apogeu com a publicação da revista Orpheu. Este movimento que era na verdade a pretensão de literatos portugueses em derrubar as formas artísticas convencionais pelo escândalo, é tipicamente citadino. Objetivava anarquizar o provincialismo e a literatura baseada na tradição neo-simbolista e neo-romântica, chegando a ponto de serem radicais por impossibilidade de propagação ideológica, assim, permaneciam ainda dentro do ideal religioso esotérico e mantinha a alienação de massa.

A escola modernista opunha-se ainda ao nacionalismo e tinha como figura exponencial o renomado escritor Fernando Pessoa, (1888-1935). Sua obra é uma das mais significativas para a língua portuguesa. Fernando Pessoa incorporou artisticamente as formas líricas de tradição poética

portuguesa para ultrapassá-las de forma criativa, criando uma poética experimental desdobrando-se em várias "máscaras" ou seja construindo seus heterônimos.

Já o movimento Neo-Realista, é um período difícil da história, calcada na censura inflexível, no nazi-fascismo e no governo, o que buscou uma pretensa legalidade governamental com o exército, levando Portugal à desagregação.

Morre Salazar, e o salazarismo sem a figura do "chefe" fracassou, a chamada abertura chegou tardiamente. Chega-se ao fim este período com uma tomada de poder pacífica e a "Revolução do Cravos" baseado no lirismo português encerrava-se a censura.

O Neo-Realismo então foi o eclodir de uma resistência anti-fascista que veiculava informações censuradas na imprensa. Seu apogeu deu-se à atuação de estudantes, artistas, jornalistas que editavam pequenas revistas e jornais.

A influência da nova corrente literária ocorreu em todos os campos do pensamento, de forma direta ou indireta. Grandes escritores surgiram tendo como precursor Ferreira de Castro (1898-1974), passando por tantos outros e chegando a José Saramago, prêmio nobel de Literatura em 1998 com a obra romanesca "Levantado do chão".

Com o advento da modernidade o homem passou a acreditar na sua existência buscando o seu próprio eu, surgindo assim uma nova corrente de pensadores, os existencialistas.

A reflexão sobre a existência do mundo e do homem é bem antiga, sendo objeto de estudo de todos os filósofos num sentido amplo.

A dominação existencialistas foi dada à alguns filósofos contemporâneos que seguindo, Sócrates, Santo Agostinho e Pascal, deixam de lado as especulações transcendentais sobre a essência de Deus, do homem e da natureza, desenvolvendo doutrinas onde o homem é o centro das coisas, rejeitando assim as ideologias aprisionadoras. Surgindo contra o sistemas especulativos do racionalismo e do idealismo preconizando o valor irredutível da vida individual.

Segundo Salvatore, o homem é um ser em contínua busca de atualização de suas possibilidades, vivendo num tempo mediano entre o passado e o futuro. É a projeção no por vir que dá sentido a existência que liga o homem às suas atividades e necessidades estabelecendo uma íntima comunicação entre os homens, podendo chegar até ao amor. Já que alguns filósofos existencialistas consideram os homens responsáveis por tudo o que eles são ou fazem na sua existência concreta.

CENTAURO - HOMEM X ANIMAL

O texto que estaremos analisando "CENTAURO", está inserido na coletânea de contos do livro *Objecto Quase*, 1978 do renomado escritor português José Saramago, o qual está centrado na literatura contemporânea ou neo-realista, e é considerado pelos críticos o mestre da ironia e um exímio contador de histórias. Estas honras lhe são atribuídas por ele ser um dos escritores de maior repercussão internacional na contemporaneidade.

A versatilidade de José Saramago cria uma escrita com potencialidades estéticas que podem passar despercebidas, onde ele dando a devida ênfase a linguagem, elabora histórias e constrói universos encantados aos leitores, mostrando nas suas obras trajetórias humanas com grandes aventuras cheia de violência e ao mesmo tempo marcados pela ternura.

Segundo Lélia Duarte, a opção pela ideologia da denúncia numa linguagem fascinante que envolve e arrebat, mostra que Saramago, preocupando-se com os excluídos, os perdedores, os dominados, os explorados e os indignos de confiança enfatiza-os no conto "Centauro", pois este evidencia a minoria desamparada, através da personagem central. Embora o conto trabalhe apenas com uma personagem, o poeta preocupa-se com a discriminação da sociedade para com o animal, pois este era considerado pelo povo uma aberração da natureza.

O escritor José Saramago no conto "Centauro" faz um retorno ao clássico onde ele, explicita o diálogo entre a obra erudita e a contemporânea, tendo em vista o recontar da extinção dos centauros, figura mitológica que está centrado na literatura greco-romana. Suas obras mais conhecidas que fazem este retorno ao clássico são: *"Memorial do Convento"*, 1993 e *"O Evangelho Segundo Jesus Cristo"*, 1991.

O conto "Centauro" relata a triste história do último sobrevivente de sua espécie, que está sempre fugindo e se escondendo por ser cavalo e homem ao mesmo tempo. Todos tem medo dele, embora o mesmo não queira causar mal a ninguém, ele tem muita força e sensibilidade. É perseguido pelos homens, por acreditarem que é um animal feroz, por isso estavam tentando matá-lo, mas nem sempre na vida dos centauros foi assim.

Na literatura greco-romana há milhares de anos A.C. os centauros eram considerados deuses pelo povo onde viviam, eram louvados e bem-vindos por todos, vivendo em um plano superior, igual aos deuses.

Como já vimos, mito está na existência e na crença de cada um e o povo greco-romano acreditava que o mito do centauro pudesse resolver alguns de seus problemas, como o medo. *"Os mitos são a ciência primitiva, o resultado das primeiras tentativas feitas pelo homem no sentido de explicar o que via a sua volta, muitas dessas histórias chamadas mitos não explicam absolutamente nada"*. (EDITH, p.13).

Como a relação entre mito e religião são profundas, mito é considerado uma história fantástica - religiosa, pois na mitologia não é Deus que cria os homens mais são os homens que criam seus próprios deuses, é o caso do centauro na antigüidade clássica, onde este é tratado como um deus.

Segundo Salvatore D'onofrio o mito e a história fantástica dos atos de entes sobrenaturais, é considerado no momento de sua invenção pelo povo, verdadeiro porque se refere a realidade (a criação do mundo, do fogo) ao conhecimento da origem das coisas não se tratando de conhecer o exterior, mas de um conhecimento que é vivido através das crendices, porque é só através das crenças que o mito é vivido.

É importante ressaltar que o povo greco-romano acreditava na divindade do centauro por isso atribuíam-lhe "poderes", o poder da fertilidade, da virilidade e de curar o medo das crianças. Esta figura mitológica era real para os greco-romanos, pois ele eram puros e acreditavam que os deuses do olimpo pudessem curar através do animal deus.

"Havia mães que lhe davam os filhos para que os levantasse no ar e assim perdessem o medo das alturas... os homens impotentes e as mulheres estéreis passavam por baixo do ventre do cavalo: era crença de toda a gente que assim floria a fertilidade e se renovava a virilidade." (SARAMAGO, p. 114).

Na literatura greco-romana os centauros viviam em grupos no meio dos deuses e eram tratados como se fizessem parte daquele meio, embora fossem metade homem metade cavalo.

Os centauros pertenciam a uma "classe" diferente, mais gozavam da amizade das divindades e viviam em um mesmo plano, porém tinham um ponto fraco que era o vinho, até mesmo com o cheiro da bebida descontrolavam-se sendo arredios e até violentos. *"Mal o aroma do vinho se espalhou pelos ares, os centauros correram de todos os lados, e reuniram-se tumultuosamente diante da caverna onde estes sempre bebiam."* (RENÉ MENARD, p. 144).

A partir daí o povo começa a observar o centauro como uma égua e viram que daquele cruzamento nunca nascia filhos. Achando aquilo um sacrilégio resolveram banir o centauro daquelas terras desmistificando assim o mito da era clássica, pois na mitologia os centauros eram

considerados deuses e tinham poderes para curar. Já no recontar da história o escritor José Saramago desconstrói o mito e materializa o animal, o qual passa a ser considerado pelo povo uma monstruosidade, deixando o próprio ser em constante conflito, pois o ser mitológico passa a não se aceitar, gerando o grande conflito homem x animal.

Saramago usando da estética literária moderna, faz a separação destruindo o animal divino e criando uma aberração da natureza com todas as suas aflições e temores.

José Saramago então começa a tratar deste, único sobrevivente e de suas dificuldades de relacionamento com os homens, levando-o a uma vida de fugas, esconderijos e de privações *"... Já lhe não sobrava terra para viver com segurança. Passou a dormir durante o dia e caminhava durante a noite..."* (SARAMAGO, p. 115).

Se a vida em grupo já era difícil o que não dizer da vida à sós e principalmente à margem do mundo, o que levou outros seres também anormais a se esconderem, por exemplo os unicórnios, os lobisomens, entre outros.

O conflito do personagem centauro de José Saramago é tanto que ele não consegue romper a linha tênue que separa o ser humano nele contido da sua porção animal, por exemplo: pensa em uma mulher evidenciando o seu lado homem, porém o seu lado animal termina por relacionar-se com uma parceira do mesmo reino animal o que torna o lado humano profundamente infeliz, levando-o à ruína *"... o centauro cobria a égua como cavalo e que depois, chorava como um homem..."* (SARAMAGO, p. 115).

A tristeza do homem era profunda pois ele sabia que jamais poderia se relacionar normalmente com uma mulher, fato que aumentava mais a sua angústia e frustração.

O cansaço de viver sempre se escondendo, fugindo e principalmente isolado, leva-o ao desespero e até mesmo a querer deixar de viver. Chega um momento que o seu lado homem termina por falar mais alto, vem a paixão por uma mulher e o conflito aflora. Os desejos do homem deixa-o sem ação e ele vai em busca da mulher. *"...Muitas outras vezes o centauro vira mulheres, mas nunca assim, neste rio, com esta lua. Outras vezes vira oscilando, o tremor das coxas ao andar, o ponto de escuridão no centro do corpo..."* (SARAMAGO, p. 124).

Passando os tempos este centauro apresentado por José Saramago retoma um convívio parcial com os homens, iniciando a maior dificuldade de sua existência que era a parte homem e a parte animal entrando em conflito; seus pensamentos e desejos eram de homem, porém não conseguia desvincular-se de sua parte animal, visto que o homem é um "animal" racional que está tentando agir conforme a sua razão, enquanto o centauro animal age puramente pelo instinto. Esta

evidência está no conto quando o centauro tenta dormir como homem mas não consegue, pois a sua parte animal irracional é mais pesada, portanto leva sempre vantagem. *"O homem nunca podia deitar-se de bruço sobre a terra, cruzar os braços sob o queixo... o cavalo adormeceu logo. Com as patas metidas entre os espadamos, as crinas da cauda espalhadas pelo chão, respirava profundamente..."* (SARAMAGO, p. 112).

Enfim, quando a parte homem do centauro pensou estar se aproximando do objeto de desejo, na verdade deixou o seu lado animal confuso e desesperado, este não conseguia entender o que realmente estava acontecendo, pois o animal não pensava e não imaginava que a mulher significava a realização do homem, então o centauro saiu em desenfreada carreira deixando o homem gritando num conflito ainda maior. *"O homem via-a de cima, aberta em cruz. Avançou lentamente. Durante um momento, a sombra do cavalo cobriu a mulher. Nada mais. Então o centauro afastou-se para o lado e lançou-se a galope enquanto o homem gritava..."* (SARAMAGO, p. 126).

É interessante observarmos que ficou evidenciado para o homem que o cavalo não sentia os mesmos desejos e aflições que ele, chegando assim a situação em que o homem quis algo e o animal divergiu e até venceu pela força, aumentando ainda mais a angústia deste ser, ou seja, da parte racional do centauro, o homem.

O centauro enfim descobriu que nunca seria realmente feliz, o medo, as incertezas, as inseguranças tornaram a sua porção homem cada dia mais triste e a sua porção animal mal respondia as suas angústias. O homem estava sentindo algo estranho repugnante em si próprio por não ter sabido definir desde a sua existência que jamais seria satisfeito como homem.

Este conflito na perspectiva de José Saramago levou a personagem centauro a viver uma intensa perseguição, onde sua parte homem, fisicamente inferior a parte animal que estava exultante pela fúria já não obedecia a razão contida no homem, levando o centauro a cair de um precipício e pelas lesões vistas em seu corpo descobrir que era tempo de morrer. *"... Vinte metros abaixo, uma lâmina de pedra, inclinada no ângulo necessário, polida por milhares de nós de frio e de calor, de sol e de chuva, de vento e neve desbastando, cortou, degolou o corpo do centauro naquele preciso sítio em que o tronco do homem se mudava em tronco de cavalo..."* (SARAMAGO, p. 127).

No recontar a história do "Centauro" evidenciou-se o conflito existencial através da personagem central. Embora fosse um único ser, nunca se definiu na sua essência, porque a própria figura mitológica não se aceitava como era vivendo então em constante conflito.

O poeta José Saramago, no seu recontar a história do centauro, talvez quisesse na realidade transcrever que embora tenha passado o tempo, o homem atual continua com suas crises existenciais com os conflitos inerentes ao próprio ser. Portanto, mudou-se a era, porém os problemas dos seres humanos continuam e muito provavelmente irá durar por toda a existência, consequentemente, por toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi de grande importância para o nosso conhecimento e acima de tudo foi muito prazeroso abordar esta temática, pois a literatura tem a função de induzir o homem a refletir sobre os problemas existenciais. Sendo assim não existe povo, ou sociedade humana sem literatura.

Como o texto que analisamos está centrado no gênero narrativo do conto, é importante ressaltarmos que o conto não tem compromisso só com a verdade, podendo retratar histórias de ficção e ou da imaginação do autor.

O conto que enfatizamos está inserido na literatura portuguesa contemporânea dando destaque ao mito, onde este estará sempre ligado a nossa cultura e presente na sociedade em que vivemos, pois as dúvidas e as inquietações do mito são infinitos. O mito é vivido através de rituais e crenças populares de cada comunidade.

O conto escrito por José Saramago que reconta a história do último centauro, é a saga deste animal, único sobrevivente de sua raça que vive fugindo dos homens e de si próprio até encontrar sua morte.

Neste percurso, essa personagem mitológica, é desmistificada pelo narrador do conto, no qual, o centauro deixa de ser mito pois não está mais junto aos deuses greco-romanos, encontrando-se agora no mundo "real" com todos os seus tormentos.

Assim na obra de Saramago, o centauro é apenas uma aberração da natureza, que causa medo e terror ao povo, além dele próprio não se aceitar metade homem, metade animal, fato que gerou o conflito existencial na obra. Linha de pesquisa que trilhamos nesta análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- _____. Caderno Cespuc de pesquisa. Série Ensaios. N.º 04 Janeiro, 1999.
- CULLER, Jonathan. Teoria Literária: Uma Introdução. São Paulo: Beca, 1999.
- D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura Ocidental. Autores e obras fundamentais. Ed. Ática, 1999.
- D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do Texto: Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GOUTLTT, Nádia Bettella. Teoria do Conto. São Paulo: ed. Ática, 3ª edição, 1987.
- HAMILTON, Edith. Mitologia. São Paulo: Editora, Martins Fontes, 1992.
- JOBIM, José Luis. História da Literatura. In: Palavra Crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LAJOLO, Marisa. O que é Literatura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 17ª edição, 1995.
- MENARD, René. Mitologia Greco-Romana. São Paulo: editora Opus, 1991.
- ROCHA, Everardo. O que é Mito. São Paulo: Ed. Brasiliense, 7ª edição, 1996.
- SARAIVA, Antonio José e LOPES Oscar. História da Literatura Portuguesa. Ed. Porto, 17ª edição.
- SARAIVA, Antonio José. Iniciação à Literatura Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SARAMAGO, José. Objecto Quase: Contos - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.